Os fariseus e Jesus: uma releitura

I – INTRODUÇÃO

O farisaísmo é visto comumente de modo negativo, pela própria conotação que o termo adquiriu. Muito dificilmente o termo suscita uma reação ou pensamento positivo. Chamar alguém de "fariseu" é estar pedindo briga. O dicionário Aurélio dá-lhe o significado figurativo de "Hipocrisia, fingimento". Sob o termo "fariseu" diz: "Seguidor formalista de uma religião" (n. 2); "fiel orgulhoso ou hipócrita" (n. 3); "fig. Indivíduo que aparenta santidade, não a tendo" (n. 4); "indivíduo hipócrita, fingido" (n. 5).

Isto tudo naturalmente tem uma razão. Não é gratuitamente que os termos adquirem significado. Mas nem sempre as conotações revelam a totalidade de significados. Há também para o farisaísmo aspectos muito positivos que foram perdidos ou desapareceram diante das características mais negativas que acabaram se impondo. O farisaísmo é comumente malhado pela pesquisa histórica. Tentaremos ver ao lado da crítica o que havia de bom na organização e proposta farisaica desde o início, na sua origem e história.

A inculturação é o grande tema de reflexão teológica dos últimos anos. Os encontros de CEBs regionais dos últimos anos, a Catequese Renovada que completa agora 10 anos da publicação do documento, a Mobilização Nacional de Catequese, o VIII Intereclesial de CEBs de Santa Maria, a preparação da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano estão todos abrigados, pode-se dizer, sob a bandeira da inculturação.

A inculturação e sua temática nos põem diante do grande drama dos nossos tempos (EN 20), que é a ruptura entre Evangelho e Cultura. Este drama, aliás, é também o drama de outras épocas. O Evangelho não existe, embora não seja "cultura", se não se expressar culturalmente. Dizer "culturalmente" equivale

a dizer "historicamente". Somos colocados diante do desafio da "encarnação de Jesus e sua proposta" na histórica realidade da Palestina do séc. I e, conseqüentemente, diante da nossa realidade atual.

No nosso continente o povo pobre de Deus lê a Bíblia para discernir e comunicar a Palavra de Deus. É necessário resgatar o sentido histórico da experiência bíblica para comunicar o sentido espiritual, isto é, descobrir o sentido atual da Palavra de Deus. O fundamento teológico desta hermenêutica está em que Deus não terminou sua ação no passado (Bíblia), mas continua vivo e falando hoje, comunicando-nos hoje sua palavra, sua vontade, pensamento[1]. A história é reveladora, não somente a palavra, como nos atesta a DV n. 2: "Este plano de revelação se concretiza através de *acontecimentos e palavras* intimamente conexos entre si, de forma que as obras realizadas por Deus na *História* da Salvação manifestam e corroboram os ensinamentos e as realidades significadas pelas palavras" (o grifo é nosso).

A salvação de Cristo aconteceu e acontece *na história*. Esta característica distingue fundamentalmente o cristianismo dos outros "caminhos de salvação" propostos pelas mitologias, ideologias e religiões sincretistas que cercavam as comunidades cristãs do primeiro século.

Dentro do quadro econômico, político e religioso do século I aparece com importância ímpar o grupo dos fariseus. De onde vieram, o que queriam, qual a sua doutrina e qual a sua relação com os demais atores do quadro social da Palestina? Isto é o que vamos tentar ver através deste artigo.

II – ORIGEM E HISTÓRIA

1. O nome, a busca da santidade

A seita hebraica dos fariseus recebeu este nome (do hebraico: *pâras* = separar) porque os seus membros se mantinham separados do ambiente circunstante para evitar, como comunidade santa de Deus, o contato com qualquer impureza. Entre si denominavam-se *habêrim* = sócios, associados, companheiros. São, portanto, "os separados", "os santos", "a verdadeira comunidade de Israel". Nos midraxes tanaítas, *parus* = "separado" e *kadôs* = "santo" são sinônimos. Do mesmo modo a comunidade essênica se define como a "comunidade da nova aliança", como o "resto", como "os sobreviventes", seus membros devem se "separar"[2]. O "estar separado" poderia ter duas origens com sentidos diferentes, um positivo e um negativo. Positivo se eles mesmos se denominam como "os puros". Negativo se o nome lhes é atribuído pelos adversários políticos, pois significaria aqueles que estavam "à parte", fora da política.

É necessário saber de quem eles estavam separados. Podiam estar separados do sacerdócio, ou da impureza, ou do povo da terra *('am ha-'arets)* conforme Jo 7,49. Autores assimilam fariseu *(p r s)* a *persa*, pois várias idéias do

1. Veja a respeito da necessária mediação hermenêutica como garantia da fidelidade à Palavra de Deus (mais ampla do que a Bíblia) artigo de Pablo RICHARD, Leitura popular da Bíblia na América Latina (Hermenêutica da libertação). Em: *RIBLA* 1 (1988): 8-25.

2. Cf. Joaquim JEREMIAS. *Jerusalém no tempo de Jesus*. São Paulo, Paulinas, 1986, p. 333.

farisaísmo teriam origem na cultura e religião persas dos tempos do judaísmo pós-exílico.

2. Um pouco da história

2.1. O judaísmo, defesa de quem perdeu quase tudo

Os fariseus nunca são explicitamente mencionados no AT. Seu surgimento remonta provavelmente à época da perseguição dos reis sírios, especialmente de Antíoco IV Epífanes (175 aC), fortemente dirigida para a helenização da Palestina com o conseqüente enfraquecimento e até aniquilação da religião hebraica. Suas raízes porém podem ser encontradas no período imediatamente posterior ao Exílio, quando a monarquia já não existia em Israel e os israelitas começaram a restauração política e religiosa da nação. Neste período serão reedificados os muros da cidade para a defesa dos inimigos externos e é iniciada a restauração do Templo, mas uma verdadeira independência política jamais será conseguida senão no período hasmoneu. O Templo fora reconstruído alguns decênios depois, mas a saudade do esplendor perdido do antigo (cf. Esd 3,12-13; Ag 2,3) continuaria presente. Israel foi obrigado a procurar outras bases diferentes das estruturas políticas do tempo da monarquia. A comunidade dos hebreus repatriados parece se organizar sob a dupla autoridade do descendente de Davi, Zorobabel, e do sumo sacerdote Josué (isto é testemunhado pelas profecias de Ageu dirigidas a ambos). Zorobabel desaparece, porém, em seguida, sem deixar sucessores, ficando Josué sozinho para governar o povo. Na redação atual de Zc 6,11 é Josué que recebe a coroa. Os exegetas supõem que no texto primitivo do oráculo estivesse Zorobabel a receber a coroa, mas a redação foi mudada num tempo posterior em que o sacerdócio havia tomado a preeminência. Israel busca sua unidade em bases prevalentemente religiosas: *o judaísmo*. Característica disto é o sumo sacerdote, que assume o poder religioso e político simultaneamente, espécie de teocracia. O sumo sacerdote como representante de Deus é que governará o povo.

O judaísmo pode ser entendido como a religião e a cultura do povo hebreu na forma como foi se definindo a partir do pós-exílio até o surgimento do cristianismo. Suas pilastras foram "a lei", "as instituições" (o Templo em primeiro lugar) e "a esperança escatológico-apocalíptica". A esperança escatológico-apocalíptica alimentava a chegada do Reino Messiânico, quando haveria a restauração da realeza davídica.

É neste período que a maior parte dos livros do AT recebeu redação definitiva. Em torno ao livro sagrado procura-se reconstruir a comunidade "religiosa". No fim do séc. V nasce a *obra do Cronista* como história sagrada que percorre o período mais longo da vida de Israel, que vai desde a criação do mundo até a reconstrução do Templo depois do exílio e à restauração do judaísmo. O que o Cronista quer mesmo com a "história" é construir os fundamentos da vida judaica: *a lei* (o Pentateuco já recebeu sua redação), *as instituições* (que têm seu apoio no culto e no sacerdócio hierárquico de Jerusalém), *a esperança* (centrada no Messias davídico). Os sacerdotes e os escribas (Esdras, por exemplo, é

chamado de sacerdote-escriba) são elementos principais na formação das novas estruturas do judaísmo.

2.2. Os assideus, resistência à dominação

A reconstrução do judaísmo palestinense estava centrada na vida religiosa e política de Israel, isto é, na Torá. Os assideus são um grupo constituído dentro do judaísmo no tempo da restauração persa em que se constata um ideal separatista e uma tendência à formação de "grupos de piedosos", resistentes às novidades e firmemente agarrados à lei.

O grupo dos chamados "piedosos", os "assideus", são, portanto, entusiastas da lei (1Mc 2,42)[3].

Os assideus existiam antes da insurreição macabéia. Reagem contra a imposição do helenismo na Palestina pelos selêucidas. São portanto contra o perigo grego, em favor da pureza e da santidade da lei. Definidos como "homens valorosos", pode-se pensar que isto corresponda a "soldados". Mas não se pode avançar a hipótese de que todos os assideus desta época tenham pego em armas, nem que este ideal militar tenha sido um dos componentes do movimento na sua origem. Mais provável é a ligação entre "assideus" e "escribas" (1Mc 7,12-13). Os escribas parecem ser os doutores, os mestres dos assideus. Após Esdras, o zelo pela lei é uma das características essenciais de todos os judeus piedosos, especialmente dos escribas, que à época grega começaram a ter importância crescente. O zelo pela lei e a defesa da cultura judaica é a razão do surgimento do judaísmo, e por conseguinte dos assideus.

Por que este zelo pela lei?

Como vimos acima, o judaísmo tem na lei um dos seus alicerces. A helenização imposta pelos selêucidas ameaçava fazer desaparecer o povo da Aliança, na medida em que corroía os alicerces da sua formação e da sua consciência de nação. Sua tradição e cultura estariam totalmente ameaçadas.

Os assideus não eram, no entanto, um grupo monolítico. Alguns estavam do lado de Judas Macabeu, outros concordaram com o sumo sacerdote Alcimo (1Mc 7,12-13). Alcimo mata 60 deles (v. 16). Nem antes, nem depois, durante a luta, eles aparecerão como um único bloco[4].

2.3. Essênios e fariseus, dois brotos do mesmo tronco

A Comunidade da Aliança, chamada também "dos essênios", é um grupo religioso judeu separado do sacerdócio do Templo. A comunidade havia adotado, em relação ao sacerdócio oficial, uma atitude de maior beligerância que os fariseus. Entre as divergências com o sacerdócio do Templo havia sua concepção

3. A nota da Bíblia de Jerusalém desta passagem diz: "Os assideus são grupos judeus apegados à lei. Resistiram à influência pagã desde antes dos macabeus e tornaram-se a tropa de choque de Judas (cf. 2Mc 14,6), mas sem se subordinarem à política dos hasmoneus (cf. 1Mc 7,13). Segundo Josefo, durante a chefia de Jônatas, por volta de 150, eles se dividiram em fariseus (Mt 3,7 + e At 4,1 +) e essênios, mais bem conhecidos desde as descobertas de Qumrã (cf. Ant. XIII, 17s)".

4. O testemunho de Alcimo em 2Mc 14,6 não é uma notícia exata. Judas nunca foi chefe dos assideus enquanto tais.

do sábado como dia de estrita observância, de tal modo que não poderia haver nenhuma festividade do calendário religioso neste dia, para que este não fique obscurecido por nenhuma outra festividade. O sábado era de tal modo central e colocado acima de todos os outros preceitos e leis, que nos textos da comunidade pode-se ler o seguinte: "Se no dia de sábado um homem com vida cai numa cisterna ou em qualquer outro buraco, não se deve retirá-lo daí, nem com uma escada nem com uma corda, nem com nenhum outro instrumento" (CD 11,6–1).

Fariseus e qumranitas provinham de um tronco comum: os assideus, que se tinham caracterizado pela resistência ao mundo helenístico. A Comunidade da Aliança, porém, levou sua radicalidade mais longe que os fariseus.

Consideravam-se as "primícias" do verdadeiro Israel. Aplicavam rigorosamente o princípio de segregação em relação ao resto do povo. Levavam, por isto, vida de tipo monástico, no deserto. Centravam sua vida no estudo da lei, na oração e na prática de abluções purificatórias. Liam a Bíblia e oravam em comum. Tinham uma espiritualidade militante, impregnada de elementos apocalípticos. Eram focos de resistência antiimperial. Participaram ativamente na luta contra Roma ao estalar a guerra judaica, e em conseqüência disto Qumrã foi totalmente destruída no ano de 68 dC. Esta informação não encontra respaldo em todos os estudos, mas sabemos que um dos generais judeus da guerra foi um essênio de nome João. Que parte da comunidade como um todo participou da guerra não é conhecido. Mas Flávio Josefo recorda que os essênios consideravam-se mártires da fé nas mãos dos invasores romanos[5].

Alguns textos encontrados em Qumrã (que não fazem parte do AT nem dos textos específicos da comunidade) provêm dos assideus[6]. Deduz-se que tenham tido origem em círculos sacerdotais apocalípticos que olhavam com ceticismo o culto praticado no Templo em Jerusalém. Segundo eles a expectativa messiânica sacerdotal era mais importante que a davídica[7]. A Comunidade da Aliança considerava a si mesma como o Templo vivo, substituto do templo de pedra de Jerusalém. Multiplicaram as atividades rituais purificatórias, estudavam a lei e dedicavam-se à oração.

Sua vida comunitária era fortemente marcada por uma severa preparação espiritual, austeridade e ascetismo para o grande combate escatológico que os seus membros deveriam enfrentar contra os "filhos das trevas". Deviam estar prontos para dirigir a guerra santa e o castigo final dos ímpios. Todos eram obrigados a "amar os filhos da luz, a cada um conforme a sua sorte na comunidade de Deus, e odiar a todos os filhos das trevas, a cada um conforme sua culpa na vingança de Deus" (1QS I, 9-11,3s).

Viviam a esperança messiânica sacerdotal, tempo em que o sacerdócio de Jerusalém seria restaurado. Um dos motivos da separação da sociedade e especialmente do sacerdócio de Jerusalém, como vimos acima, era o fato de considerarem o calendário do culto no Templo de Jerusalém errado. Eles pos-

5. Cf. J. LEIPOLDT e W. GRUNDMANN. *El mundo del Nuevo Testamento.* Ed. Cristiandad, p. 272. Ver também verbete "Essenes" em: *The Interpreter's Dictionary of the Bible.* Nashville, Abingdon Press, vol. 2, p. 143-149. O *Dictionnaire de la Bible, Supplément*, tem opinião diferente quanto à participação dos essênios na guerra.

6. Kurt SCHUBERT. *Os partidos religiosos hebraicos na época neotestamentária.* São Paulo, Paulinas, p. 18.

7. Estes textos encontram-se na *Regra da Comunidade*, no *Testamento dos 12 patriarcas*, no *Documento de Damasco*, e também nos oráculos proféticos *no AT* que esperam para os últimos tempos a renovação do culto e do sacerdócio (Is 2,1-5; Mq 4,1-3).

suíam o calendário exato de 364 dias. Seguiam o calendário solar, enquanto que os sacerdotes, em Jerusalém, o lunar. Esperavam um novo Templo, pois o de Jerusalém não fora consagrado. O novo Templo desceria do céu, juntamente com uma Jerusalém celeste[8].

O Livro de Daniel provém do círculo dos assideus. A união entre assideus e macabeus é vista menos positivamente[9]. A divergência era devida ao fato de os macabeus lutarem pela restituição da liberdade de culto e pela segurança político-militar, e não, como eles, assideus, pela reviravolta do mundo. A política realista dos macabeus era considerada pelos assideus, devido à sua perspectiva apocalíptica, como hipocrisia, e por isso somente "uma pequena ajuda". O que é a liberdade de culto comparada com o Reino de Deus do fim dos tempos?

Os assideus tiveram origem, tudo indica, em grupos apocalípticos. Atribuíam a si mesmos a profecia do Trito-Isaías 60,21: "O teu povo, todo ele constituído de justos, possuirá a terra para sempre, ... como obra das minhas mãos, para minha glória". Essa idéia vai ser básica para os essênios e vai atingir a comunidade neotestamentária.

Fazia parte dos assideus, além dos círculos sacerdotais dissidentes, um consistente grupo de laicos. No livro de Daniel, saído dos seus círculos, falta o elemento especificamente sacerdotal. O livro de Daniel certamente teve origem em círculos assideus diferentes daqueles nos quais tiveram origem os textos claramente sacerdotais como os livros de Henoc (versão etiópica), dos Jubileus e do Testamento dos 12 patriarcas.

Esta falta de unidade estrutural dos assideus provocou provavelmente o seu desmembramento no séc. II aC. Os elementos leigos originaram o farisaísmo liberal, e os círculos sacerdotais dissidentes, o essenismo radical[10].

Acreditavam ser eles somente as "plantações" citadas em Is 60,21, por meio das quais Deus é glorificado. Em Qumrã, portanto, o termo "plantações" indica exclusivamente a própria comunidade. Segundo este conceito, tanto assideu como essênio, os israelitas que não pertencem à comunidade não se salvarão. Receberão como destino a condenação eterna como os pagãos.

O farisaísmo, ao contrário, interpretava Is 60,21 no sentido universal, isto é, relativo a todo Israel. Lemos na Mixná Sanhedrin X, 1: "Todo Israel participa do mundo futuro, porque foi dito (Is 60,21): 'Teu povo são todos os justos, eles possuirão a terra eternamente. São a vergôntea da minha plantação, a obra das minhas mãos para dar-me glória'".

Em 160 aC, quando com a morte de Judas Macabeu desfizera-se a expectativa do fim dos tempos relacionada com a guerra dos macabeus, do núcleo assideu separou-se o grupo de fariseus, pois tinham rejeitado o conceito apocalíptico radical-dualista.

8. Hen 90,28s; 9,13; Jub 1,17-27. Há uma variante do novo templo em Hen 25,4: a árvore da vida no fim dos tempos será transplantada da sua sede celeste para o Templo terreno, que receberá assim o caráter de Templo celeste.

9. Cf. Dn 11,34: "Ao sucumbirem (os assideus), serão socorridos com pequena ajuda (pelos macabeus), e muitos (macabeus) se juntarão a eles hipocritamente".

10. Cf. M. HENGEL. *Judentum und Hellenismus*, p. 342.

2.4. Fariseus e saduceus, duas bases e dois projetos

Os fariseus, como visto acima, nascem de uma defecção dos assideus, mais realistas e de caráter prevalentemente laico, embora, como veremos depois, sacerdotes dissidentes, como no grupo dos assideus, também fizessem parte do grupo dos fariseus.

Os saduceus têm uma história muito anterior à metade do séc. II aC. Seu nome já indica que o partido provém da nobreza sumo-sacerdotal. Sadoc serviu sob Davi e Salomão. Segundo Ez 40,46; 44,15, para exercer legitimamente o sacerdócio era necessário pertencer à estirpe de Sadoc[11]. Após a formação da comunidade pós-exílica o sacerdócio representava não somente uma preeminente função cultual, mas também um poder político (cf. acima). O sumo sacerdote representava a autonomia interna judaica. As famílias sacerdotais sadoquitas eram por isto abertas à colaboração política dos povos vizinhos. Isto significava para o judaísmo sincretismo cultual, abertura às influências religiosas estranhas. Durante todo o período persa praticamente houve por parte das famílias sumo-sacerdotais esta inclinação sincretista. Contra esta tendência vieram as reformas de Esdras e Neemias já no séc. V aC. Especialmente depois de Alexandre Magno, no séc. III aC, quando o domínio era egípcio-ptolemaico, os sacerdotes viveram em perfeita harmonia com círculos fortemente helenizados. Com os selêucidas, por volta de 200 aC, a helenização assumiu caráter também político. Contra esta política de colaboração entre os judeus helenistas e os selêucidas se insurgiram grupos conservadores de todas as camadas e conseguiram difamar os sacerdotes helenizantes e suas tendências[12].

A revolta macabéia com seus sucessivos sucessos políticos afastou a família sadoquita de sua influente posição. O sacerdócio passou para a família dos hasmoneus. Bem depressa as famílias sadoquitas, de tendência helenizante, conciliaram-se com a política nacional-judaica independente dos hasmoneus. Estes se afastaram dos grupos de "piedosos", aos quais deviam sua ascensão, e estreitaram relações com os *saduceus*. Entram em cena especialmente a partir da aliança com João Hircano (134-104) e com Alexandre Janeu (103-76). O sumo sacerdote e o Templo são o seu sustentáculo. Desde Jônatas, o poder passou alternadamente dos fariseus aos saduceus. João Hircano no início estava com os fariseus, mas em seguida passou para o lado dos saduceus. Alexandre Janeu perseguiu os fariseus, mas estes recuperaram, sob Alexandra (76-67), sua preeminência que souberam consolidar, embora em seguida Aristóbulo II (67-63) tenha favorecido novamente os saduceus. Herodes os tratou com dureza. Durante o tempo de Jesus os fariseus mantinham maior influência sobre o povo, mas os saduceus, desde que a Judéia tornara-se província romana em 6 aC até 70 dC, mantiveram uma política de colaboração com os romanos. Tratavam de acalmar e submeter o povo ao interesse dos romanos. De suas filas saíram os sumos sacerdotes, que, contrariamente aos 6000 fariseus[13] que negaram seu juramento a Augusto por ocasião do recenseamento, acalmavam os movimentos populares e persuadiam os judeus a declararem seus bens.

11. Para toda uma visão de conjunto sobre a problemática do sacerdócio no AT, conflitos entre sacerdócio aaronita e sadoquita, remetemos para o estudo apresentado na nota 6 de Jorge PIXLEY. *Êxodo*, Grande Comentário Bíblico. São Paulo, Paulinas, p. 46-48.

12. Sobre o problema do conflito e mútua influência entre judaísmo e helenismo ver M. HENGEL, *op. cit.*

13. Cf. F. JOSEFO. *Ant.* XVII, 42.

São os saduceus, como aristocracia sacerdotal, que, em contraste com a estrita observância farisaica, levavam uma vida mais mundana, se acomodaram ao helenismo selêucida e aderiram facilmente aos dominadores romanos.

A aristocracia sacerdotal e a grande burguesia fundiária encontravam-se organizadas há muito tempo em torno do partido dos saduceus. Estritamente ligado ao Templo e às tradições, este partido fora hegemônico até à época dos macabeus. Com o surgimento da atividade comercial e a ascensão de uma classe burguesa, ele havia perdido sua hegemonia, limitando-se, na época de Jesus, ao controle do poder judiciário e da autoridade governamental.

Os fariseus controlavam a burguesia comercial, a pequena burguesia camponesa, a pequena burguesia artesanal e a imensa maioria da população de Israel. Verdadeiro grupo hegemônico do sistema político de Israel. Separaram-se da aristocracia sacerdotal e da burguesia agrária (saduceus) para dirigir o povo. A partir da conquista da Palestina por Pompeu e durante a dominação herodiana, bem como sob o governo dos procuradores, eles constituíam o partido popular de resistência passiva.

Diferente dos saduceus, os fariseus constituíam um grupo fortemente estruturado em comunidades de *natureza laica*, se bem que englobavam a maioria do baixo clero, que estava em contradição com os interesses da aristocracia sacerdotal dos saduceus.

Os saduceus eram *religiosamente* conservadores, privilegiavam os *cinco livros*, o Pentateuco, supostamente legados por Moisés. Não rejeitam os livros proféticos, mas resistem em usá-los. Afastam-se das profecias e da esperança messiânica assim como da idéia de uma retribuição individual e coletiva no além. As matérias referentes à existência de anjos e de demônios, bem como à ressurreição dos mortos, não são aceitas por serem tardias. O seu silêncio com relação à esperança messiânica se deve, sem dúvida, à sua aliança com o Império Romano. Evidentemente não podiam querer as mudanças que o Messias iria realizar e que fariam desaparecer a sua dominação.

Os fariseus eram *religiosamente* avançados. Caracterizavam-se pela estrita observância da Torá em todos os domínios e em todas as situações da vida cotidiana.

Sua observância religiosa não tinha caráter conservador (como uma manutenção da lei, simplesmente), mas era expressão de uma nova classe hegemônica, criadora de novas tradições pela interpretação da lei no atual momento histórico, a *tradição oral*. Fala-se de uma Torá escrita e de uma Torá oral. Esta atualização da lei levou-os à ruptura com a expressão da antiga hegemonia da aristocracia e burguesia agrária: o Templo. Para os *saduceus*, a presença de Deus é muito localizada, no Santo dos Santos, no Templo. Os *fariseus*, ao contrário, tinham uma visão bastante ampla da presença de Deus. Vê-se nisto claramente o liame entre uma política e uma teologia: um Deus muito localizado, no Templo, a quem só o sumo sacerdote pode aproximar-se. O conservadorismo saduceu coloca o Templo como único meio de salvação do povo. Deus presente aí, mas também presente em todo o território, é a posição quase democrática dos fariseus. A posição política é que molda a teologia, e não ao contrário, como muitas vezes as aparências parecem insinuar.

Diante do Templo os fariseus colocaram a Sinagoga. O culto e os sacrifícios do Templo, fonte de renda e de poder da aristocracia sacerdotal, opunham-se à Sinagoga, com seu serviço religioso de leitura e interpretação dos textos bíblicos e de oração.

Os fariseus esperavam o Messias. Mas isto não os jogava em sonhos visionários, afastados das condições e possibilidades concretas, nem os levou à ruptura total com a sociedade vivendo num mundo segregado, como fizeram os essênios. Tinham do Messias uma concepção política e espiritual. O Messias para eles iria precipitar o fim, mas não se deixavam atrair por fazedores de milagres.

O realismo político, sua distância do Templo e da aristocracia saducéia, a atualização da lei através da tradição oral, a sua proximidade do povo, a não absolutização do Templo, a expectativa messiânica sem cair no radicalismo essênio colocam os fariseus muito próximos da proposta de Jesus. De fato, seria mais fácil explicar um conflito de Jesus com homens infiéis e apáticos diante da religião do que com homens tementes, que buscavam pureza e santidade de vida. Inicialmente a relação de Jesus com os fariseus foi amigável. Os evangelhos mostram Jesus hóspede dos fariseus (Lc 7,36-50; 11,37-43; 14,1-6). Com Nicodemos conversa sobre questões doutrinais (Jo 3,1-21). Onde está o ponto de ruptura?

A origem do contraste de Jesus com os fariseus parece surgir de uma diferente interpretação da lei (Mc 7,5-13; Mt 12,1-14; Jo 9). Eles não aceitam que Jesus tenha contato com os pecadores (Mt 9,11; Jo 7,49). Jesus justifica seu comportamento diante dos fariseus e escribas com as três parábolas: da ovelha perdida, da dracma e do filho pródigo (Lc 15,1-32). Há, além disso, uma concepção de Deus totalmente diferente.

Os fariseus foram rigorosíssimos em buscar uma estrita observância da lei no que diz respeito à pureza e santidade. Para evitar a violação de qualquer prescrição construíram "uma cerca ao redor da lei" (Pirqe Abot 1,1), e faziam mais do que era obrigatório, por isso davam grande importância às obras supererrogatórias e às boas obras. Elaboraram 613 preceitos complementares à lei (248 mandamentos e 365 proibições), que deveriam ajudar na observância da lei.

Esta observância rigorosa os colocava em oposição aos que os rabinos chamarão *'am ha-'arets* (povo da terra)[14]. Este termo designa também a atitude religiosa daqueles cuja fidelidade à lei do dízimo e das purificações é duvidosa. O judeu piedoso devia evitar todo o contato com pecadores e com todos os que levavam um tipo de vida que os expunha a infringir os mandamentos. O comportamento de Jesus freqüentando publicanos e pecadores e descuidando das purificações rituais e dos jejuns de devoção só podia provocar a revolta dos grupos fariseus.

O grupo dos fariseus era dirigido por escribas não-sacerdotes. Sacerdotes de posição inferior e levitas se fizeram fariseus atraídos pela meticulosa observância das regras da pureza.

14. Interessante conferir em Sandro GALLAZZI e Francisco RUBEAUX (*O primeiro livro dos Macabeus – autocrítica de um guerrilheiro*. Petrópolis, Vozes, 1993) os termos "povo da terra" e "judaísmo", na introdução.

Não observar rigorosamente as leis significava não somente afastar-se da comunidade farisaica, mas do autêntico Israel. Nisto se fundou uma espécie de hostilidade depreciativa do grupo frente ao povo. Sua auto-segregação correspondia assim a um sentimento de superioridade aos que eles chamavam de *'am ha-'arets* ou Povo da terra. Pirqe Abot 2,5 diz: "Nenhum *'am ha-'arets* é piedoso". Para eles era evidente que a situação de Israel era conseqüência inevitável do pecado de um povo que não conhecia suficientemente a lei e que tampouco podia observá-la em todos os seus detalhes. "O Castigo só veio ao mundo por causa dos *'am ha-'arets*" (TB baba Batra 8a).

Os fariseus tinham iguais obrigações, não havendo nenhum privilégio diante da lei. Contrariamente aos sacerdotes que estavam hierarquizados em 20 diferentes ordens. Eles, como Jesus, não vão reconhecer os privilégios invocados pelos sacerdotes e menos ainda que a santidade pudesse estar adscrita a esta função.

Sua observância estrita da lei, não obstante sua grande aceitação no meio do povo, foi aos poucos erigindo uma barreira entre eles e o povo, o que diminuiu sua influência espiritual. A parábola do fariseu e do publicano (Lc 18,9-14a) mostra como Jesus se dirigia contra os que "estavam seguros de ser justos e desprezavam os outros" (v. 9).

Podemos dizer que os fariseus eram um grupo de pressão em nível político e religioso. Defendiam a lei e eram, portanto, contra a intervenção estrangeira.

Lucas se refere a uma série de contatos positivos entre Jesus e os fariseus, conforme vimos acima. Em Lc 13,31 vemos um grupo deles vindo informar a Jesus dos projetos de Herodes para matá-lo[15].

A *distância tomada por Jesus* em relação a eles se encontra nas diferentes e radicais posições diante das tradições. Para Jesus não basta a observância material da lei. Nem a repetição de gestos garante a fidelidade ao Pai. O verdadeiro conhecimento da lei é fruto de uma prática concreta de amor e de justiça, e isso varia em cada circunstância. O importante é amar a Deus e ao próximo, e não refugiar-se na segurança de um código. Não é possível amar a Deus e tratar com desprezo os irmãos. Jesus vai colocar a fome, a necessidade das pessoas, acima da lei. Os fariseus colocavam a lei acima das pessoas. Jesus considera que uma necessidade humana básica possa revogar a prescrição da lei. Os fariseus conhecem a lei e a aplicam automaticamente. Jesus conhece a lei mas leva em consideração a necessidade humana. Os fariseus não percebem a fome do povo. Jesus percebia. Os discípulos de Jesus comem as espigas porque o homem concreto tem prioridade sobre a lei (cf. Mc 2,23-27; Mt 12,1-4; Lc 6,1-4). A tradição dos fariseus não lê a lei a partir do pobre, enquanto Jesus sim. A leitura de Jesus vem mudar, junto com o sistema de leitura corrente, admitido por todos, o próprio sistema que se escuda por trás de uma leitura reducionista e minimizante da lei. Os fariseus não podiam aceitar isto. Eles *não* constituem uma verdadeira alternativa em relação ao sacerdócio, porque eles também descuidam do coração da lei (Mt 23,23; Lc 11,42). "Se vocês tivessem compreendido o que é 'desejo misericórdia e não sacrifícios' (Os 6,6), vocês não teriam condenado estes homens que não estão em falta" (Mt 12,7).

15. Alguns vêem este gesto, no entanto, como um ato ambíguo. Herodes seria o pretexto para afastar Jesus do país. Mas há certamente um grupo de fariseus que se incorporou à primeira comunidade cristã (At 15,5).

A prática passiva dos fariseus diante da dominação romana provocou a saída de um grupo de revolucionários, abrigados dentro do mesmo partido, chamados zelotas. Lutavam com armas para libertar Israel da dominação romana e impedir o recenseamento com a conseqüente cobrança de impostos. Judas, o Galileu, se insurgiu na ocasião, pregando que submeter-se ao censo era o mesmo que submeter-se à escravidão. Ensinava que não se podia aceitar senhores mortais *(thnétous déspostas)* ao lado de Deus (*Bell.* II, 18).

Durante todo o séc. I a Palestina vai ser um palco de contínuas insurreições contra os romanos. Dentro deste quadro político vemos a atuação de Jesus que não se identificou com estes grupos. Por que Jesus não aderiu aos zelotas? ou aos fariseus? Evidente que não é necessário colocar a pergunta sobre os saduceus e essênios. A distância era enorme, seja do projeto, seja da base social escolhida. A diferença entre a proposta de Jesus e a dos outros grupos que procuravam a libertação, que esperavam o Messias, que zelavam pela lei, certamente está no modo de agir. Não basta ter, portanto, o objetivo certo. É necessário também ter o método certo.

Jesus viu na religião judaica a principal opressão do povo, tanto no Templo de Jerusalém como nos mestres fariseus. Depois do ataque simbólico de Jesus ao Templo seguiram-se vários dias de polêmica com os sacerdotes e escribas que ali dominavam, conforme o relato de Marcos.

Os fariseus, zelosos da lei, oprimiam violentamente o povo simples, que acabava sendo responsabilizado pela dominação romana. Jesus, ao contrário, a partir destes marginalizados principalmente, constrói o Reino, libertando-os das estruturas da religião judaica em primeiro lugar, atacando os dois pilares principais: Lei e Templo. Jesus ataca a opressão no plano ideológico. E finalmente Jesus cria um grupo que deverá viver relações de irmandade que caracterizarão o Reino de Deus. Um último ponto do afastamento de Jesus dos fariseus é que o projeto de Jesus não é nacionalista, fechado. É aberto para todos os povos.

Jesus teria sido um ilustre desconhecido se a sua produção intelectual, moral e sua prática não houvessem respondido às necessidades religiosas e sociais do povo do seu tempo, como também o grupo dos fariseus que aderiu aos tempos, de modo a ser o único grupo judaico sobrevivente à catástrofe dos anos 70 dC.

CONCLUSÃO

Jesus, como também os fariseus, opunha-se à nobreza sacerdotal e leiga. Jesus opunha-se também aos escribas e fariseus. Embora criticando-os teoricamente, manteve dos fariseus e escribas os elementos fundamentais de sua produção ideológica a ponto de ser confundido com eles[16]. A base de Jesus foi justamente a massa marginalizada do processo de produção e as massas camponesas sem instrução, as mais exploradas, conjunto que recebia o nome de *'am ha-'arets.* Jesus apoiava-se no povo simples da Palestina, povo rejeitado pelos saduceus, pelos herodianos, pelos fariseus e escribas. Sobre a mesma base se

16. Cf. F. HOUTART. *Religião e modos de produção pré-capitalistas.* São Paulo, Paulinas, p. 226.

apoiava o movimento zelote bem como o fariseu, não obstante o desprezo dos últimos por ela.

Os fariseus e Jesus, portanto, possuíam a mesma *base social*. Os fariseus, no entanto, contrariamente aos saduceus, *eram utópicos*. Buscavam, como Jesus, a chegada do Reino de Deus; mas, ao contrário de Jesus, pensavam que este adviria por uma intervenção exclusivamente divina.

Outro *ponto de distância* entre Jesus e eles, não obstante buscarem o Reino de Deus, é a idéia da *transcendência divina*, que escavava um verdadeiro abismo entre Deus e o homem. Isto os impedia de compreender a necessidade de cooperarem com a vinda do Reino. A única coisa que eles pensavam que podiam fazer era tentar praticar estritamente a lei, pensando que isto podia antecipar a ação exclusiva de Deus na instauração do Reino Messiânico. Não tinham nenhuma proposta concreta diante dos problemas sociais do seu tempo. Recomendavam unicamente o estudo da lei, a piedade individual e a absoluta submissão a Deus.

A ação dos fariseus pode ser qualificada como um espiritualismo de devoção que não se empenha minimamente com a realidadde social. Embora em desacordo com o sacerdócio do Templo, participavam do Templo e do culto.

A atualização da lei que eles faziam com a tradição oral era muito importante para o povo pobre poder se libertar. Mas isto não ocorria. A lei estava colocada acima das pessoas.

Podemos ver o que os fariseus tinham de positivo e o que afastou Jesus do seu movimento. Não basta ser fiel à lei, se se despreza o povo pobre e sofredor. Não basta buscar o Reino, se estamos distantes dos pobres. Não basta ter utopia, se cruzamos os braços esperando que Deus venha resolver os problemas que afligem tantos irmãos.

A atitude de Jesus frente aos fariseus deve ser vista como um grito de alerta. Somos certamente tentados a abandonar o trabalho pelo Reino de Deus para viver a segurança da religião da lei. Quem sabe a religião nos traga satisfação e nos sintamos diferentes do povo pecador que nem sabe votar. O que faria Jesus em nosso lugar? Faria a separação entre justos e pecadores? Devemos ficar obsessionados com a lei na nossa vida esquecendo a fome do povo? Devemos ser utópicos longe dos pobres? Devemos esperar todas as soluções do céu? Estes aspectos mostram claramente a diferença entre Jesus e os fariseus.

Não é difícil, porém, descobrirmos qualidades essenciais no farisaísmo que faltam nas nossas comunidades e sociedade atuais: o zelo pela lei num mundo mergulhado em profunda crise ética decorrente da violação constante da lei, da absolutização dos interesses pessoais e das leis de mercado que favorecem uma pequena minoria aristocrática detentora do poder e das idéias; a vida em comunidades e a esperança nacional messiânica num país em que patriotismo virou palavra absolutamente anacrônica; a atualização da tradição contra os ventos de congelamento no passado; a busca sincera da leitura e compreensão da Palavra de Deus como o sentido do homem e da sociedade contra uma religião de ritos ineficazes; a defesa da cultura contra o imperialismo uniformizador; a igualdade de todos diante de Deus contra a exploração do pobre; a combinação da exegese da lei escrita com as contribuições das tradições orais locais para a elaboração de uma teologia mais aberta; a confiança na ressurreição e na vida eterna contra os dominadores e ideologias de turno, que restringem a vida ao aproveitamento dos privilégios e prazeres deste mundo; uma oração sistemática e organizada contra o abandono da via espiritual ou contra os espiritualismos; a

valorização das boas obras e do cumprimento da lei para além da sua exigência formal em vista do amor maior pelo bem comum. Devemos recuperar, no meu modo de ver, as características essenciais do farisaísmo, dando-lhes orientação cristã. Jogar fora estas características seria jogar fora o próprio Jesus. Será puro acaso o fato de o Evangelho de Mateus não mencionar os fariseus entre os adversários de Jesus no relato da Paixão?

BIBLIOGRAFIA

J. JEREMIAS. *Jerusalém no tempo de Jesus – pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*. São Paulo, Paulinas.

J. LEIPOLDT – W. GRUNDMANN. *El mundo del Nuevo Testamento*. Madri, Cristiandad.

F. HOUTART. *Religião e modos de produção pré-capitalistas*. São Paulo, Paulinas.

J. MATEOS. *L'utopia di Gesù*. Assis, Cittadella.

E. SCHÜRER. *The History of the Jewish people in the Age of Jesus Christ*, Vol. II, Edinburgh, T & T Clark LTD.

J.M.G. RUIZ. *El poder popular, tentación de Jesús*. Barcelona, Hogar del Libro.

Hugo ECHEGARAY. *A prática de Jesus*. Petrópolis, Vozes.

E. LOHSE. *L'ambiente del Nuovo Testamento*. Brescia, Paideia.

Dictionnaire de la Bible, Supplément.

The Interpreter's Dictionary of the Bible.

A. REBRÉ. *Que tipo de libertador foi Jesus?* São Paulo, Paulinas.

E. MORIN. *Jesus e as estruturas de seu tempo*, São Paulo, Paulinas.

K. SCHUBERT. *Os partidos religiosos hebraicos da época neotestamentária*. São Paulo, Paulinas.

Ramiro Mincato
Caixa Postal 40
94400-970 Viamão, RS